interações
ISSN: 1983-2478
DOI: 10.5752/P.1983-2478.2026v21n2e212d03
PUC Minas

RELIGIÃO VIVIDA:
dimensão empírica do objeto de estudo da Ciência da Religião?[1]

LIVED RELIGION:
empirical dimension of the object of study of the Study of Religion?

RELIGIÓN VIVIDA:
¿dimensión empírica del objeto de estudio de la Ciencia de la Religión?

Renato Carvalho de Oliveira*
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião
Belo Horizonte, MG, Brasil
E-mail: renatocarvalhodeoliveira48@gmail.com
ORCID: 0000-0002-6523-6394

RESUMO
O objetivo deste artigo é oferecer uma possível resposta à pergunta epistemológica: como utilizar religião vivida na Ciência da Religião (CR) no Brasil? Nossa hipótese é que, na CR, como disciplina autônoma, as práticas religiosas no cotidiano das pessoas podem ser ressignificadas como uma dimensão empírica do fenômeno humano religião. Nosso método é uma pesquisa bibliográfica de caráter epistemológico que consiste em distinguir usos do conceito religião vivida e suas definições, a partir de fontes textuais de áreas distintas. Assim, a primeira parte tratará de um uso peculiar de religião vivida como objeto de estudo de autores/as das Ciências Sociais da Religião; a segunda parte abordará um possível uso pela CR de religião vivida como dimensão empírica do fenômeno religioso. A conclusão geral é que um possível uso próprio do conceito religião vivida pela CR implica ressignificar o termo como uma das partes factíveis e observáveis do objeto de estudo da área.
Palavras-chave: religião vivida; ciência; objeto; dimensão.

ABSTRACT
The objective of this article is to offer a potential answer to an epistemological question: how can the concept of lived religion be utilized within the field of Religious Studies (RS) in Brazil? Our hypothesis is that, within RS — conceived as an autonomous discipline — everyday religious practices can be reframed as an empirical dimension of the human phenomenon of religion. Our methodology consists of an epistemological literature review, which involves distinguishing between various uses and definitions of the concept of lived religion as found in texts from different academic fields. The first part of the article examines a specific application of lived religion as an object of study by scholars in the social sciences of religion; the second part explores how RS might employ the concept as an empirical dimension of the religious phenomenon. The overall conclusion

[1] Artigo extraído da tese de doutorado do autor, em construção, sobre *Religião vivida e pessoas de terreiro*.

* Mestre em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Doutorando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Graduado em Filosofia e em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

is that a distinct application of the concept of lived religion within RS entails reframing the term as a tangible and observable component of the field's object of study.
Keywords: *lived religion; science; object; dimension.*

RESUMEN
El objetivo de este artículo es ofrecer una posible respuesta a la pregunta epistemológica: ¿cómo utilizar la religión vivida en la Ciencia de la Religión (CR) en Brasil? Nuestra hipótesis es que, en la CR — entendida como disciplina autónoma —, las prácticas religiosas en la vida cotidiana de las personas pueden ser resignificadas como una dimensión empírica del fenómeno humano de la religión. Nuestro método consiste en una investigación bibliográfica de carácter epistemológico que busca distinguir los diversos usos y definiciones del concepto de religión vivida, a partir de fuentes textuales provenientes de distintos ámbitos académicos. Así, la primera parte aborda un uso particular de la religión vivida como objeto de estudio por parte de autores de las Ciencias Sociales de la Religión; la segunda parte examina un posible uso, en la CR, de la religión vivida como dimensión empírica del fenómeno religioso. La conclusión general es que un uso específico del concepto de religión vivida por parte de la CR implica resignificar el término como uno de los componentes factibles y observables del objeto de estudio de esta disciplina.
Palabras clave: *religión vivida; ciencia; objeto; dimensión.*

1 INTRODUÇÃO

Desde a década de 1990, existe o esforço epistemológico de matizar o *uso analítico* de *religião vivida* em diversas áreas de estudo sobre religião, especialmente, nas Ciências Sociais da Religião (CSR). Isso nos desafia, na Ciência da Religião (CR), a examinar os *usos* que da *religião vivida* têm feito outras disciplinas acadêmicas e, assim, matizar o *uso* próprio da área. Posto isso, emerge a pergunta epistemológica: *qual seria o uso próprio da religião vivida, na Ciência da Religião, a partir de alguns autores que defendem a autonomia da disciplina?*

A nossa *hipótese* é que, na Ciência da Religião, como área autônoma, as práticas religiosas no cotidiano das pessoas podem ser ressignificadas como uma *dimensão empírica* do fenômeno humano religião. Com isso, buscamos evitar dois riscos: a redução do fenômeno humano religião a uma de suas dimensões empíricas a ser investigada; e a negação da existência das práticas como tema de estudo da área. Para sustentar esta hipótese, o *método* do presente estudo se define como uma pesquisa bibliográfica de caráter epistemológico que consiste em distinguir usos do conceito *religião vivida* e suas definições, a partir de fontes textuais de áreas distintas. Com isso, este artigo tem como objetivo epistemológico demonstrar dois argumentos.

O primeiro argumento é que uma visão *epistemológica realista* da definição de religião vivida, como práticas religiosas no cotidiano de pessoas comuns, permite entender que o conceito de religião vivida tem sido também utilizado por cientistas sociais como

objeto de estudo e não somente como abordagem metodológica. Para sustentá-lo, optamos por autores/as estadunidenses – Robert Orsi, David Hall, Meredith McGuire e Nancy Ammerman – e latino-americanos/as – Gustavo Morello, Valentina Pereira Arena, René De La Torre – que se encaixam no critério de compartilhar essa definição de religião vivida.

O segundo argumento é que, se a CR partir da visão epistemológica do *construcionismo crítico*, a sua definição de religião vivida seria como práticas religiosas cotidianas das pessoas em geral, e, portanto, como uma das dimensões empíricas do objeto de estudo da área: o fenômeno humano religião. Sustentaremos essa posição com base em autores internacionais e nacionais que obedecem ao critério de defesa da área como disciplina autônoma: Hans-Jürgen Greschat, Klaus Hock, Frank Usarski, Néstor Figueiredo e Leandro Evangelista Silva Castro.

Portanto, na primeira parte deste artigo, explicitaremos um *uso realista* da definição escolhida de religião vivida como *objeto* de estudo por cientistas sociais da religião. Na segunda parte, proporemos um *uso construcionista crítico* da definição de religião vivida como práticas religiosas no cotidiano das pessoas em geral que respeite a identidade da Ciência da Religião, como disciplina autônoma.

2 RELIGIÃO VIVIDA, OBJETO DE ESTUDO PARA CIENTISTAS SOCIAIS

O objetivo desta seção é responder à pergunta: *qual tem sido o uso próprio do termo religião vivida por cientistas sociais da religião nos Estados Unidos e na América Latina?* O argumento é que uma visão *epistemológica realista* da definição de religião vivida, como práticas religiosas no cotidiano de pessoas comuns, permite entender que o conceito de religião vivida tem sido também utilizado por cientistas sociais como *objeto de estudo* e não somente como abordagem metodológica.

Há uma visão epistemológica de ciência nas Ciências Sociais de que o objeto das ciências humanas é real, porque é exterior aos indivíduos, trata-se do realismo científico. Para Alberto Cupani (2009), a visão realista aparece em textos de um dos fundadores das Ciências Sociais, Émile Durkheim (1858-1917). Se lermos *As regras do método sociológico* (1895), vemos que Cupani tem razão, porque Durkheim escreveu esse livro com o objetivo, à época, de tornar a Sociologia uma ciência independente de outras, por exemplo, a Psicologia. A tese central do livro é que a Sociologia é uma ciência autônoma, por ter como objeto *os fatos sociais*, ou seja, como principal regra estudá-los como coisa, assim como as ciências naturais.

Para Durkheim (1919, p. 8, tradução nossa), os fatos sociais também "consistem em

maneiras de agir, de pensar e de sentir, exteriores ao indivíduo, e que são dotadas de um poder de coerção em virtude do qual esses fatos se impõem a ele".[2] O fato social é tão real e existe fora das consciências individuais, que também são forças coletivas de coerção dos indivíduos. Durkheim nos dá exemplos de fatos sociais, que a nós importam: "[...] as crenças e as práticas de sua vida religiosa, o fiel as encontrou inteiramente prontas ao nascer; se elas existem antes dele, é que existem fora dele" (Durkheim, 1919, p. 8, tradução nossa).[3]

Dito isso, a visão realista entende que se o objeto de estudo é real, porque ele existe fora da consciência individual, então, a verdade científica é a correspondência linguística com a realidade (Cupani, 2009). Destacamos, assim, que o realismo científico permitiu a Durkheim entender práticas e crenças religiosas como fatos sociais, e como agenciadas pelos seres humanos.

Ressaltamos que a visão realista serve de chave de leitura para entendermos que, na definição de *religião vivida* como práticas religiosas no cotidiano das pessoas comuns, consta um objeto de estudo de cientistas sociais. A partir de agora, demonstraremos textualmente que essa definição de religião vivida não discutida como objeto de estudo, mas compartilhada por autores/as estadunidenses e latino-americanos/as, é tão imbuída de visão realista quanto a ideia de fato social. O realismo presente no uso do termo *religião vivida* se descobre na aplicação do princípio hermenêutico de identificar o dito no afirmado. O enunciado da definição é: a religião vivida são as práticas religiosas no cotidiano das pessoas comuns. O dito do enunciado é: essas práticas existem e podem ser observadas, logo, elas são um objeto empírico de estudo. Independentemente de quem leu e segue Durkheim, a visão realista reaparece na definição de religião vivida, termo que pode corresponder a um fato religioso.

Posto isso, poderíamos imaginar que só há um entendimento possível e consistente sobre o termo *religião vivida*: aquele que a defende como uma abordagem teórica e metodológica para realizar pesquisa empírica sobre religião. Contudo, defender essa visão única omite e oculta outro entendimento de igual ou maior importância contido no termo: a ideia de que as práticas no cotidiano das pessoas comuns são um objeto de estudo. E, portanto, seria mais honesto dizer que o conceito de religião vivida, como foi utilizado por cientistas sociais, reúne dois entendimentos interligados: um como abordagem metodológica, o outro como objeto de estudo. Não há como separar, na pesquisa científica, abordagem de objeto, pois toda abordagem se atém a um objeto; no caso da abordagem

[2] *"[...] ils consistent en des manières d'agir, de penser et de sentir, extérieures à l'individu, et qui sont douées d'un pouvoir de coercition en vertu duquel ils s'imposent à lui."*
[3] *"[...] les croyances et les pratiques de as vie religieuse, le fidèle les a trouvées toutes faites en naissant ; si elles existaient avant lui, c'est qu'elles existent en dehors de lui."*

religião vivida, às práticas religiosas cotidianas de pessoas comuns.

Não é o objetivo desta seção delinear definições de religião vivida como abordagem metodológica, mas demonstrar que esse conceito se refere também a um objeto de estudo em boa parte das Ciências Sociais da Religião. Para melhor entender essa posição, podemos verificar, na literatura científica escolhida, um *uso realista* do termo *religião vivida* como objeto de estudo, tendo por referência a definição exposta.

Nos Estados Unidos, quem nos dá uma indicação desse dado é a socióloga Nancy Tatom Ammerman, numa avaliação de toda a produção científica sobre religião vivida até 2016. Essa socióloga afirma:

> Nas últimas três décadas, o estudo da religião passou por uma virada cultural, voltando a atenção para o discurso, a identidade e o ritual, mas, sobretudo, analisando a forma como a religião está incorporada nas práticas da vida cotidiana [...]. A virada para a religião vivida na década de 1990 marcou uma mudança significativa no estudo sociológico da religião, uma mudança que tem sido notavelmente frutífera. A virada para a religião vivida surgiu de um reconhecimento generalizado de que nossa disciplina havia se atolado em debates intermináveis sobre se o mundo moderno estava ou não se secularizando — debates relevantes principalmente para o mundo do Atlântico Norte, que ameaçavam nos cegar para grande parte do próprio fenômeno que queríamos estudar, tanto nessa região quanto além dela (Ammerman, 2016, p. 83, tradução nossa).[4]

Nesse trecho, está claro que a pesquisa sobre o fenômeno religião, na Sociologia da Religião, sofreu um giro epistêmico dos estudos de religião centrados na teoria da secularização para estudos de religião influenciados pela teoria das práticas culturais. Ammerman explicita o contexto em que emerge o estudo da religião vivida como objeto de estudo, sobretudo, da Sociologia da Religião nos Estados Unidos e na Europa:

> Entre os sociólogos, a rebelião começou com o fracasso em enquadrar a realidade religiosa mundial em uma teoria universal de secularização. Nem toda sociedade se encaixava no modelo de modernização ao estilo ocidental que conduzia a um declínio religioso ao estilo europeu. [...] Na década de 1990, portanto, nas diversas disciplinas que estudavam a religião, parecia haver uma crise que exigia uma resposta. A virada para a "religião vivida" foi uma dessas respostas. Em vez de se limitarem ao estudo de palavras, ideias, elites e negociações racionais, os estudiosos da religião vivida concentraram-se no que as pessoas comuns fazem. O resultado foram novas abordagens da prática religiosa que desafiaram antigas suposições sobre como a religião opera no mundo social. Hoje, existem evidências abundantes para sustentar que as discussões sobre secularização precisam ser especificadas, e não

[4] "*Over the last three decades, the study of religion has taken a cultural turn, giving attention to discourse and identity and ritual, but especially Looking at the way religions embedded in the practices of everyday life [...]. The turn to lived religion in the 1990s marked a significant shift in the sociological study of religion, a shift that has been remarkably fruitful. In this article, I will step back to observe what this move has enabled us to do, as well as what it may be Leading us to miss. Such an assessment is important both to build on and to go beyond the advances that have been made.*"

universalizadas (Ammerman, 2021, p. 6, tradução nossa).[5]

Nessa virada, passa-se a estudar a presença da religião nas práticas cotidianas. Por isso, nos anos 1990, se consagram as práticas religiosas cotidianas denominadas de religião vivida como um novo objeto de estudo, mais do que um novo enfoque para se estudar religião. Isso porque religião vivida, ao significar práticas, significará, em boa parte das CSR, a um só tempo, "[...] a religião como praticada" (no inglês, *religion as practiced*) (Hall, 1997, p. vii). Em outro trecho, a autora afirma: "Em um momento oportuno, novas vozes começaram a ser ouvidas na área, convidando-nos a prestar atenção à forma como a religião é vivida" (Ammerman, 2016, p. 83-84, tradução nossa).[6] Aqui, Ammerman (2016, p. 84, tradução nossa) explicita o que ela chama de "[...] nossa compreensão do que é a religião e onde ela se manifesta"; ou seja, se estuda "[...] a religião que pode ser encontrada na vida cotidiana".[7]

O historiador estadunidense, David Hall, também deixa expresso o uso de religião vivida como *objeto de estudo* da História da Religião, na seguinte passagem: "[...] embora saibamos muito sobre a história da teologia e (digamos) da relação entre Igreja e o Estado, sabemos quase nada sobre a religião como praticada e muito pouco sobre o pensamento e as ações quotidianas dos leigos e das leigas" (Hall, 1997, p. vii, tradução nossa).[8] A religião vivida utilizada como *objeto de estudo* por cientistas sociais fica mais evidente no problema formulado por Hall: "[...] o que é a religião vivida – ou melhor, qual tem sido a história da religião vivida na América? Estes ensaios tratam, na verdade, de uma reorientação mais ampla, enraizada num repensar sobre o que constitui a religião" (Hall, 1997, p. viii, tradução nossa).[9] Aqui, se erige a tese de que *religião vivida* define o que constitui o *fenômeno religião*, nos anos 1990, para cientistas sociais. Desde então, o fenômeno religião tem sido estudado como religião vivida, ou melhor, enquanto práticas cotidianas das pessoas comuns.

---

[5] "*Among sociologists, the rebellion started with the failure to squeeze the world's religious reality into a universal theory of secularization. Not every society fit the model of Western-style modernization leading to European-style religious decline. [...] In the 1990s, across the disciplines that were studying religion, then, there seemed to be a crisis begging for response. The turn to lived religion was one response. Rather than being confined to studying words and ideas and elites and rational bargains, students of lived religion focused on what ordinary people do. The result has been new accounts of religious practice that have challenged old assumptions about how religion works in the social world. There is now ample evidence for arguing that discussions of secularization need to be specified, not universalized.*"

[6] "*At an opportune moment, new voices began to be heard in the field, inviting us to pay attention to the way religion is lived.*"

[7] "*[...] our understanding of what religion is and where it occurs. [...] the religion that might be found in everyday life.*"

[8] "*[...] while we know a great deal about the history of theology and (say) church and state, we know next-to-nothing about religion as practiced and precious little about the everyday thinking and doing of lay men and women.*"

[9] "*[...] what is lived religion – or better, what has been the history of lived religion in America? For these essays are really about a wider reorientation rooted in a rethinking of what constitutes religion.*"

O *uso* da *religião vivida* como *objeto de estudo* aparece também em um trecho do historiador Robert Anthony Orsi, ao iniciar seu discurso assim: "A questão que enquadra (ou assombra) o debate desta noite é se o trabalho daqueles entre nós que estudam a prática religiosa ou a 'religião vivida' [...]" (Orsi, 2003, p. 169, tradução nossa).[10] Religião vivida, como *objeto de pesquisa*, é, para Orsi, sinônimo de prática religiosa.

Nessa linha da religião vivida como *objeto de estudo*, Meredith McGuire afirma: "O foco ao longo deste livro está em como a religião e a espiritualidade são praticadas, vivenciadas e expressas por pessoas comuns (em vez de porta-vozes oficiais) no contexto de suas vidas cotidianas" (McGuire, 2008, p. 12, tradução nossa).[11] McGuire defende que "[...] precisamos nos concentrar na religião como praticada e vivenciada pelas pessoas comuns no contexto de suas vidas cotidianas" (McGuire, 2008, p. 21, tradução nossa).[12] McGuire aderiu à tese do *uso* da *religião vivida* como objeto de pesquisa, mas restringiu às pessoas comuns. E, por isso, concentra seu estudo da religião vivida "[...] nas práticas dos indivíduos na vida cotidiana"; ou seja, nos termos dela, "[...] ao examinarmos a religião vivida, podemos nos aproximar da religião individual em toda a sua complexidade e diversidade" (McGuire, 2008, 16, tradução nossa).[13]

Nancy Ammerman (2014, p. 190, tradução nossa) entende religião vivida do seguinte modo: "Buscar a religião vivida significa que procuramos os aspectos materiais e concretos da religião, tal como se manifestam na vida cotidiana [...]. Isso inclui tanto as experiências do corpo quanto as da mente".[14] Ou seja, religião vivida como *objeto de estudo* equivale à religião praticada na vida cotidiana: ela se refere às experiências religiosas corporificadas e mentais.

A autora acrescenta: "A religião vivida frequentemente ocorre nas margens entre as prescrições ortodoxas e as experiências inovadoras, mas a religião não precisa ser marginal para ser 'vivida'" (Ammerman, 2014, p. 190, tradução nossa).[15] Nesse trecho, a autora já introduz uma crítica à definição de McGuire de que a religião vivida são práticas religiosas no cotidiano reduzidas às pessoas comuns. Segundo a autora, essa definição restrita se

[10] "*The question that frames (or haunts) this evening's discussion is whether the work of those of us who study religious practice or 'lived religion'.*"
[11] "*The focus throughout this book is on how religion and spirituality are practiced, experienced, and expressed by ordinary people (rather than official spokespersons) in the context of their everyday lives.*"
[12] "*[...] we need to focus on religion as practiced and experienced by ordinary people in the context of their everyday* lives."
[13] "*[...] individual's practices in everyday life. [...] by examining lived religion, we may get closer to understanding individual religion in all its complexity and diversity.*"
[14] "*Looking for lived religion does mean that we look for the material, embodied aspects of religion as they occur in everyday life, in addition to listening for how people explain themselves. It includes both the experiences of the body and the mind.*"
[15] "*Lived religion does often happen on the margins between orthodox prescriptions and innovative experiences, but religion does not have to be marginal to be 'lived'.*"

baseia na ideia de que o vivido se separa do institucional e que só ocorre nas margens da religião prescrita. Nesse caso, cabe a pergunta sobre o *uso realista* da religião vivida: *qual religião não seria vivida?*

Em 2016, Ammerman fez uma avaliação crítica sobre a produção de uma geração acerca da religião vivida, tomada como objeto de pesquisa. Ela identificou padrões nas pesquisas, tais como: 1/3 dos artigos escritos em inglês não explicita uma definição de religião vivida, outros argumentam em prol da pesquisa sobre religião vivida e como realizá-la. Em seguida, a socióloga advertiu: "Como campo emergente, uma das tarefas relevantes é a elaboração explícita de parâmetros e a justificativa dos métodos" (Ammerman, 2016, p. 86, tradução nossa).[16] O conceito de *campo emergente* (*emerging field*) demonstra que cientistas sociais da religião têm utilizado *religião vivida* como *objeto de estudo*, um fenômeno observável na realidade. Para Ammerman (2016, p. 88-89, tradução nossa), enquanto campo de estudo, "[...] a religião vivida diz respeito a 'práticas', ao que as pessoas fazem", e conclui que "[...] a essência da religião vivida é a prática".[17]

Portanto, segundo Ammerman (2016, p. 88, tradução nossa), não faz sentido insistir na dicotomia entre religião vivida e religião institucional, "ou insistirmos que ela é personalizada e não institucional"; melhor seria ficar com a provocação: e "se perguntássemos o que vemos quando buscamos a religião vivida?", ou seja, vemos as práticas.[18] Ainda sobre essa dicotomia, a autora nos adverte:

> Essa linha divisória entre a religião "institucional" e a "religião vivida" torna-se ainda mais insustentável quando entramos em contextos em que as instituições religiosas estão entrelaçadas com o Estado e, por consequência, com muitos aspectos da vida cotidiana (Ammerman, 2016, p. 88, tradução nossa).[19]

Ammerman (2016, p. 87, tradução nossa) constata que uma definição do *objeto* religião vivida que invoca o critério de "[...] partir da pessoa religiosa, minimizando a importância da doutrina e concentrando-se em contextos que não são tradicionalmente religiosos"[20] se baseia nessa dicotomia. Segundo a autora, é o caso, por exemplo, de Penny

[16] "*As an emerging field, one of the relevant tasks is explicit elaboration of parameters and justification of methods.*"
[17] "*[...] it is that lived religion is about 'practices,' what people do. [...] the substance of lived religion is practice.*"
[18] "*[...] or insisting that it is personalized and non-institutional. [...] what if we asked what we see look for lived religion?*"
[19] "*That line between 'institutional' religion and 'lived religion' is even more untenable When we enter worlds where religious institutions have been interwoven with the state, and thereby with many aspects of everyday life.*"
[20] "*[...] to start with the religious person, playing down doctrine, and focusing on contexts that are not traditionally religious.*"

Edgell, quando "[...] identifica a religião vivida com as práticas cotidianas de sacralização que podem ou não coincidir com definições institucionalizadas ou coletivas do sagrado" (Ammerman, 2016, p. 87, tradução nossa).[21] Também é o caso de Meredith McGuire que insiste em mirar nas coisas que foram excluídas das pesquisas anteriores: "Autoridades e organizações religiosas são importantes, mas ela concentra seu estudo da religião vivida nas 'práticas dos indivíduos na vida cotidiana'" (McGuire, 2008, p. 16 *apud* Ammerman, 2016, p. 87, tradução nossa).[22] McGuire, de fato, trabalha com essa dicotomia[23], ao defender: "O termo 'religião vivida' é útil para distinguir a experiência real das pessoas religiosas da religião prescrita, composta por crenças e práticas definidas institucionalmente" (McGuire, 2008, p. 12, tradução nossa).[24]

Já, na América Latina, a antropóloga mexicana Renée De La Torre, interpretando autores/as estadunidenses, entende a *religión vivida* de modo realista, como "religiosidade vivida ou da experiência" (De La Torre, 2021, p. 267, tradução nossa).[25] Adiante, fica claro que De La Torre adere à definição de religião vivida de McGuire restrita a pessoas comuns, quando a autora mexicana afirma: "O termo *religião vivida* concentra-se na religiosidade da vida cotidiana inscrita nas circunstâncias reais das pessoas que a praticam de forma individual e não das doutrinas e postulados teológicos" (De La Torre, 2021, p. 268, tradução nossa).[26] Para a teóloga Lidia Rodríguez Fernández *et al.* (2022), um dos limites do uso da religião vivida por cientistas sociais, como De La Torre, é o seguinte: "[...] religião vivida tem tendido a situar o estudo da religião preferencialmente nas margens sociais, ressaltando o que está fora das crenças e doutrinas institucionalizadas" (De La Torre, 2021 *apud* Fernández *et al.*, 2022, p. 29, tradução nossa).[27]

Além disso, o sociólogo argentino Gustavo Morello segue a mesma visão restrita de McGuire, criticada por Ammerman, e nos sugere um *uso também realista* de religião vivida como *objeto de estudo* da Sociologia da Religião:

---

[21] "*[...] identifies lived religion with everyday practices of sacralization that may or not coincide with institutionalized or Collective definitions of the sacred.*"

[22] "*Religious officials and organizations are important, but she focuses her study of lived religion on 'individuals practices in everyday life'.*"

[23] Mas ela se baseia numa citação do artigo indisponível do historiador estadunidense Thomas Alan Tweed, de 1996, *Identity and Authority at a Cuban Shrine in Miami: Santeria, Catholicism, and Struggles for Religious Identity*.

[24] "*The term 'lived religion' is useful for distinguishing the actual experience of religious persons from the prescribed religion of institutionally defined beliefs and practices.*"

[25] "*[...] religiosidad de la experiencia.*"

[26] "*El término* lived religion *se enfoca en la religiosidad de la vida cotidiana inscrita en las circunstancias reales de las personas que la practican de forma individual y no de las doctrinas y postulados teológicos.*"

[27] "*[...] la* lived religion *ha tendido a situar el estudio de la religión preferentemente en los márgenes sociales, subrayando lo que está fuera de las creencias y doctrinas institucionalizadas.*"

> Exploro a religião vivida como práticas que as pessoas comuns realizam em situações da vida cotidiana para se conectar com poderes supra-humanos; práticas que os indivíduos escolhem por conta própria, sem ignorar as instituições, mas com autonomia; práticas que implicam incorporação, materialidade e discurso (Morello, 2021, p. 31, tradução nossa).[28]

O mesmo entendeu a socióloga uruguaia, Valentina Pereira Arena, quando propôs junto a Gustavo Morello o *uso realista* da religião vivida como *objeto* de estudo da Sociologia da Religião. Isso se evidencia na definição desse termo, quando se referem a outros estudos, de Morello, Hugo Rabbia, Catalina Romero, Pereira Arena, entre outros, na perspectiva da religião vivida sobre a vivência cotidiana de católicos na América Latina: "Os estudos mencionados entendem por 'religião vivida' as práticas que realizam as pessoas comuns em situações da vida cotidiana para se conectarem com poderes supra-humanos" (Pereira Arena, Morello, 2022, p. 13, tradução nossa).[29]

Definição parecida, desta vez, apenas de *religião*, aparece no seguinte trecho de Morello: "Por religião, entendo as práticas culturais que as pessoas realizam para se conectarem com um poder sobre-humano que (na percepção dessas pessoas) influencia suas vidas" (Morello, 2020, p. 19, tradução nossa).[30] Embora o autor só mencione o termo *religião*, na conceituação, está dito que ele definiu *religião* como práticas culturais utilizadas pelas pessoas para se relacionarem com um poder sobre-humano. Essa conceituação aparece na definição de religião vivida de Pereira Arena, referindo-se a uma reelaboração dela do artigo de 2022, já citado anteriormente, em coautoria com Morello:

> Pereira Arena e Morello (2022) definiram a religião vivida como as práticas que as pessoas realizam em situações da vida cotidiana para se conectar com poderes supra-humanos, práticas que incorporam corporalidade, materialidade, espaços, tempos e discursos, escolhidos pelos indivíduos (a partir de um repertório de práticas religiosas da sociedade, que não é limitado por suas confissões) com autonomia e criatividade (Pereira Arena, 2024, p. 675, tradução nossa).[31]

Mais à frente, essa ideia de religião vivida como práticas, assumida como objeto de

[28] "*I explore lived religion as practices ordinary people do in everyday life situations to connect with suprahuman powers; practices individuals choose on their own authority, without ignoring institutions, but with autonomy; practices that imply embodiment, materiality, and discourse.*"

[29] "*Los estudios mencionados entienden por religión vivida las prácticas que realiza la gente común en situaciones de la vida cotidiana para conectar-se con poderes suprahumanos.*"

[30] "*Por religión, entiendo las prácticas culturales que las personas hacen para conectarse con un poder sobrehumano, que (estas personas sienten) influencia en sus vidas.*"

[31] "*Pereira Arena and Morello (2022) defined lived religion as the practices that people carry out in everyday life situations to connect with supra-human powers, practices that incorporate corporality, materiality, spaces, times, and discourses, chosen by individuals (from a repertoire of religious practices of the society, which is not limited by their confessions) with autonomy and creativity.*"

estudo, se repete, quando o autor menciona a religião tal como praticada:

> A religião, tal como se pratica, é mais complexa do que a soma de crenças sobrenaturais, regras morais e estruturas institucionais. A religião vivida é uma mistura complexa, desorganizada e multifacetada de crenças, expressas na forma de práticas cotidianas, nas quais as pessoas se envolvem com seus corpos e suas emoções. Frequentemente, essas práticas são adaptadas, modificadas e combinadas de forma criativa por pessoas que normalmente as realizam na esfera pública (Morello, 2020, p. 23-24, tradução nossa).[32]

Outro trecho que comprova o *uso realista* de *religião vivida* como *objeto* de estudo, referindo-se à religião vivida como tema de investigação e abordagem, é o seguinte:

> Para investigar a religião vivida pelos latino-americanos, coordenei um projeto de pesquisa intitulado 'A Transformação da Religião Vivida na América Latina Urbana', um estudo qualitativo e comparativo que aplicou a abordagem da religião vivida em três cidades latino-americanas — Córdoba (Argentina), Lima (Peru) e Montevidéu (Uruguai) —, com semelhanças e particularidades (Morello, 2020, p. 24, tradução nossa).[33]

Leitores/as atentos/as poderão dizer que Morello está utilizando a categoria *religião vivida* para se referir tanto ao fenômeno *religião* tal como é praticado quanto à abordagem analítica do fenômeno. E estão corretos em interpretar assim. Contudo, não se pode deixar de dizer que a definição realista do autor e toda a ênfase dos estudos de cientistas sociais na ideia da religião como é praticada, resulta numa escolha teórica e metodológica, desde a década de 1990, pela *religião praticada* e/ou pelas práticas cotidianas de pessoas comuns, como *objeto de estudo* de áreas acadêmicas que pesquisam religião na América Latina.

Vimos que esta seção possibilitou uma análise que identifica um *uso realista* da definição restrita e recorrente de religião vivida como práticas no cotidiano de pessoas comuns, compartilhada por cientistas sociais estadunidenses e latino-americanos/as. Por hora, é difícil demonstrar textualmente se essa definição realista de religião vivida resulta numa substituição do fenômeno religião pelas práticas religiosas no cotidiano das pessoas comuns, como objeto único de estudo de boa parte das Ciências Sociais. Contudo, a dificuldade das provas não impede de alertarmos a cientistas da nossa área, Ciência da Religião, para dois riscos: o de superestimar as práticas como se fossem objeto único de

[32] "*La religión, tal como se la practica, es más compleja que la suma de creencias sobrenaturales, reglas morales y estructuras institucionales. La religión vivida es una mezcla compleja, desorganizada y polifacética de creencias, expresadas en forma de prácticas diarias, en que la gente interviene con sus cuerpos y sus emociones. A menudo estas prácticas son creativamente adaptadas, modificadas y combinadas por personas que normalmente las realizan en la esfera pública.*"

[33] "*Para investigar la religión vivida de los latinoamericanos, dirigí un proyecto de investigación titulado 'La Transformación de la Religión Vivida en la Latinoamérica Urbana,' un emprendimiento cualitativo y comparativo que aplicó el enfoque de religión vivida en tres ciudades latinoamericanas, Córdoba (Argentina), Lima (Perú) y Montevideo (Uruguay), con similitudes y particularidades.*"

estudo desta disciplina; e o de negar a existência delas na vida das pessoas e, consequentemente, como tema de estudo da área.

3 RELIGIÃO VIVIDA, DIMENSÃO EMPÍRICA NA CIÊNCIA DA RELIGIÃO

O objetivo desta seção é propor uma possível resposta para a seguinte pergunta: *como definir, na CR como disciplina autônoma, um uso próprio de religião vivida?* O argumento é que se a CR partir da visão epistemológica do *construcionismo crítico*, a sua definição de *religião vivida* poderia ser como práticas religiosas cotidianas das pessoas em geral, e, portanto, como uma das dimensões empíricas do objeto de estudo da área: o fenômeno humano religião.

Segundo Alípio de Souza Filho, a premissa do *construcionismo crítico* é que "[...] o ser humano é simultaneamente construído e construtor" (Filho, 2026, p. 2). No construcionismo crítico, a "realidade social não é reflexo de uma mente isolada nem determinação absoluta que anula a agência: é relação processual entre herança histórica e capacidade criativa" (Filho, 2026, p. 2). O realismo positivista (Filho, 2026) tornaria essência a existência das práticas cotidianas, pois as coisas que existem na realidade são substâncias fixas, naturalizadas. O construcionismo idealista e linguisticista (Filho, 2026) converteria as práticas cotidianas em uma projeção mental e ficção do discurso, já que se baseia na premissa de que somente a linguagem constitui a realidade.

Assim, no construcionismo crítico, as práticas cotidianas existem, porque são construídas pelo ser humano, já que anterior a elas há a ação humana que permite que as pessoas participem de sua "produção, transformação e permanência"; e, a um só tempo, as práticas constroem as pessoas, pois o ser humano nasce "constituído por instituições e relações que o precedem" (Filho, 2026, p. 2). Nesse caso, as práticas cotidianas existem como realidade construída pelas pessoas e construtora das pessoas. A ação de indivíduos e grupos cria práticas, e eles são construídos por elas no cotidiano.

Posto isso, uma visão crítica de construcionismo da religião vivida, em nossa área, exige que passemos de uma definição *realista e reducionista*, porque reduz o conceito ou a uma abordagem de estudo ou a um objeto único (as práticas cotidianas de pessoas comuns) para uma definição *construcionista e crítica*, *plural* e *includente* do termo; sair da tese realista de que as práticas cotidianas existem, porque as pessoas as criam, para a tese *construcionista crítica* de que as práticas cotidianas existem, já que as pessoas as criam e também podem ser ou não construídas por elas, a depender do estudo empírico; sair de uma

visão reducionista de que as práticas cotidianas se restringem a pessoas comuns e cristãs fora das igrejas para uma visão mais plural e includente de que as práticas cotidianas são diversificadas, pois seus agentes, contextos e territórios também o são.

Se a *religião vivida*, na Ciência da Religião, pode ser vista como *dimensão empírica* do fenômeno humano religião, não seria como um *objeto de estudo* autônomo que substituiria o objeto próprio desta disciplina; nem um campo de estudo emergente que se separa da religião institucional, como apostaram McGuire (2008) e outros/as. O risco epistemológico dessa dicotomia é reforçar a tese de que a *religião vivida* se autonomiza tanto a ponto de se tornar *outro objeto* de ciência: um hiato que não tem aderência ao objeto da Ciência da Religião. A base dessa dicotomia sem aderência à realidade religiosa das pessoas e às instituições é a oposição entre o religioso prescrito/institucional e o religioso vivido/criativo, como se houvesse apenas práticas criadas e não aprendidas das instituições; como se elas também não precedessem as pessoas; como se agentes humanos fossem apenas construtores de práticas *ex nihilo* e não construídos/as por elas; e como se práticas criadas também não se institucionalizassem. Essa dicotomia pode nos levar a um purismo teórico.

Essa interpretação, inclusive, mobiliza uma ideia que pode acompanhar a pesquisa de campo, qual seja: quando se aplica a categoria *religião vivida* nos estudos de religião, o foco deve ser não o que as pessoas fazem dentro de ambientes religiosos institucionais, mas fora, porque é onde está a religião vivida, as práticas criativas. Nossa posição é que essa crença é reducionista e uma decisão de política acadêmica que serve apenas para controlar o lugar e as condições onde o vivido do fenômeno religião acontece. O vivido da religião ultrapassa fronteiras pré-estabelecidas pelas preferências e pelos acordos teóricos e metodológicos de quaisquer disciplinas acadêmicas que queiram se renovar. O vivido pode estar, a um só tempo, em ambientes institucionais e não institucionais, dentro e fora dos muros da religião prescrita. O vivido do fenômeno humano religião não é puro, mas híbrido.

Ademais, essa interpretação dicotômica de religião vivida como objeto de ciência não é compatível com entendimentos dos estudos da Ciência da Religião. Em pesquisas internacionais e nacionais, cientistas da religião de renome têm defendido que a definição aberta do objeto de estudo da CR é crucial para diferenciá-la como disciplina autônoma em relação a outras ciências.

Para Hans-Jürgen Greschat, o objeto próprio da CR é definido "conforme cientistas da religião percebem-no: 1. veem o objeto 'religião' como uma totalidade; 2. reconhecem que essa totalidade apresenta-se de maneira quádrupla; 3. observam que essa totalidade está viva e que, portanto, não para de se transformar" (Greschat, 2005, p. 24). O que significa

dizer que o objeto religião é uma totalidade, totalidade quádrupla e totalidade viva?

A ideia de religião como totalidade viva, segundo Greschat (2005, p. 24), significa que é um fenômeno humano com diferentes camadas observáveis, e marca a diferença entre cientistas da religião e "outros cientistas que se ocupam [...] da religião". Cientistas da religião não reduzem o todo às partes nem tomam as partes pelo todo do objeto próprio da CR, mas o vê de forma detalhada e abrangente. Outras ciências "relacionam um aspecto religioso à totalidade da disciplina em que são especialistas: às leis, por exemplo, à psique, à arte e assim por diante [...], à sociedade [...], à literatura [...], à política [...], e assim por diante" (Greschat, 2005, p. 24). Na CR, "o objeto 'religião' não existe apenas na cabeça dos pesquisadores. Ele está no mundo exterior, onde pesquisadores realmente o enxergam. O objeto 'religião' é algo concreto, ou seja, é sempre uma determinada religião" (Greschat, 2005, p. 24).

Se o objeto religião existe fora do indivíduo, ele é um objeto real e passível de ser observado, logo, estudado; e se é sempre uma religião específica, segundo Greschat (2005, p. 25), cada uma delas possui camadas do fenômeno religião: a "comunidade, sistema de ritos, conjunto de doutrinas e sedimentação de experiências". A comunidade direciona o/a cientista para estudar indivíduos considerados fiéis integrantes das instituições religiosas. O sistema de ritos leva ao estudo dos atos religiosos, como palavras, gestos simbólicos, mitos, símbolos. A doutrina conduz à descoberta dos princípios éticos religiosos de um grupo religioso. Por fim, a experiência religiosa é a camada principal do objeto da CR, pois a vivência da verdade das crenças dos fiéis anima e mantém viva cada religião específica. Ademais, essa esfera da religião determina-a como um fenômeno vivo e, portanto, que muda. A mudança é a força vital que coloca as religiões vivas em movimento (Greschat, 2005).

Embora o autor claramente defenda a ideia de que a CR estuda religiões específicas, e as caracteriza com camadas, aparentando recair numa definição institucionalizada de religião, podemos ainda extrair duas contribuições conceituais. Primeira, se ele o faz de fato, não podemos concluir que o objeto da CR tenha que ser reduzido às instituições religiosas. Segunda, religião específica e concreta pode significar: [a] o que existe e é observável do fenômeno religião pela CR; [b] o que o ser humano produz como religião; e [c] como são as relações dos seres humanos com o fenômeno religião. Dito isso, a estrutura quádrupla, talvez, pode até se enquadrar facilmente numa definição institucionalizada de religião, mas, ainda sim, serve como exemplo de como não reduzir o fenômeno religião às instituições religiosas. Com isso, podemos pensar outras camadas do fenômeno religião, afinal, Greschat mesmo defende que a religião concreta é algo vivo e mutável. O que não veta a possibilidade de que a CR continue o estudo de instituições religiosas, fiéis e suas práticas cotidianas, bem

como pessoas não afiliadas a nenhuma instituição e que possuem tipos de relação com o fenômeno religião, ainda que seja para questioná-lo, se distanciar e até negá-lo.

Para evitar o risco de reduzir religião a definições essencialistas, funcionais e outras, Klaus Hock (2010, p. 27) advoga a tese de um "conceito aberto" e/ou "uma caracterização aproximativa de 'religião'". Isso, segundo o autor, como solução para o risco que a impossibilidade de uma definição inequívoca de religião resulte na renúncia à CR como área autônoma. Por isso, o autor propõe uma conceituação aberta de religião na área:

> Então, o que é "religião"? Primeiramente um construto científico que abrange todo um feixe de definições de caráter funcional de conteúdo, através do qual podem ser captados, como "religião", num esquema, elementos relacionados entre si e formas de expressão, como objeto e área de pesquisa científico-religiosa (e outra). Pertencem a esses elementos e formas, entre outros, dimensões da ética e da atuação social (normas e valores, padrões de comportamento, formas de vida), dimensões rituais (atos cúlticos e outros atos simbólicos), dimensões cognitivas e intelectuais (sistemas de doutrina e de fé, mitologias, cosmologias etc., ou seja, todo o saber "religioso"), dimensões sociopolíticas e institucionais (formas de organização, direito, perícia religiosa etc.), dimensões simbólico-sensuais (sinais e símbolos, arte religiosa, música etc.) e dimensões da experiência (experiências de vocação e de revelação, sentimentos de união mística, experiências de cura e de salvação, experiências de comunidade e de unificação...) (Hock, 2010, p. 29).

Nessa definição aproximativa, religião significa um objeto e área de estudo complexo da disciplina, porque irredutível a somente uma dimensão empírica do fenômeno. Por isso, práticas religiosas do cotidiano de pessoas comuns denominada como religião vivida, para um olhar crítico da nossa área, é uma definição de cientistas sociais que expressa parte do fenômeno religião. E, portanto, na Ciência da Religião, essa definição de religião vivida é incompatível com um entendimento mais aberto do objeto da nossa disciplina. Isso porque reduziria o fenômeno religião, seja a uma de suas dimensões, as práticas religiosas cotidianas, seja a um recorte dessa dimensão, qual seja, as práticas religiosas no cotidiano das pessoas comuns.

Posto isso, esse uso dicotômico de religião vivida como oposta à religião prescrita, de McGuire e outras/os autoras/es, não se compatibiliza com interpretações do século XXI sobre o objeto de estudo da CR no Brasil. Bastam ver pesquisas, nas quais fica evidente que a demarcação do objeto da CR impacta na definição da área como disciplina autônoma.

Desde a chegada ao Brasil, em 1998, de Frank Usarski, ele se deparou com a insegurança de pesquisadores/as sobre a identidade da Ciência da Religião; o resultado do engajamento do autor foram respostas para perguntas como: *o que é religião*, *o que é ciência*, *o que é ciência da religião*? Baseando-se em características comuns de cientistas da religião, o autor diz ser possível "[...] deduzir elementos que caracterizam a religião em geral,

ou seja, como um fenômeno antropológico universal" (Usarski, 2006, p. 127). Isso não quer dizer que podemos discordar do autor, quando nos referimos à ideia de não-religião.

Usarski (2006, p. 125) defende que religião é um campo muito diversificado e complexo. Por isso, ele nos adverte: "De acordo com essa complexidade, não é adequado pensar em uma definição fechada de religião, mas optar por certo conceito aberto capaz de superar um entendimento pré-teórico que generaliza fenômenos religiosos, sobretudo os de origem cristã". À luz dessa ponderação em concordância com Hock, Usarski propôs uma divisão, quase *à la* Greschat, em quatro elementos para o termo *religião*:

> *Primeiro*, religiões constituem *sistemas simbólicos* com plausibilidades próprias. *Segundo*, do ponto de vista de um indivíduo religioso, a religião caracteriza-se como a afirmação subjetiva de que existe algo transcendental, algo extra-empírico, algo maior, mais fundamental ou mais poderoso do que a esfera que nos é imediatamente acessível através do instrumentário sensorial humano. *Terceiro*, religiões se compõem de várias dimensões: particularmente temos de pensar na dimensão da fé, na dimensão institucional, na dimensão ritualista, na dimensão da experiência religiosa e na dimensão ética. *Quarto*, religiões cumprem *funções individuais e sociais*. Elas dão sentido à vida, alimentam esperanças para o futuro próximo ou remoto, sentido esse que algumas vezes transcende o da vida atual, e com isso possui a potencialidade de compensar sofrimentos imediatos. Religiões podem ter funções políticas, no sentido ou de legitimar e estabilizar um governo ou de estimular atividades revolucionárias. Além disso, religiões integram socialmente, uma vez que membros de determinada comunidade religiosa compartilham a mesma cosmovisão, seguem valores comuns e praticam sua fé em grupos (Usarski, 2006, p. 125-126, grifos do autor).

O que vale destacar dessa divisão quádrupla é que a CR estuda a *religião* como fenômeno humano, em toda a sua diversidade. Logo, há que se evitar que uma definição parcial de religião reduza esse fenômeno a uma das suas dimensões empíricas. Nesse caso, quando cientistas sociais definem o fenômeno *religião* como a religião como praticada, cunhada como religião vivida, cuja natureza é a prática religiosa, há uma diferença epistemológica de definições de objeto em cada área. A definição de cientistas sociais não é a mesma da CR como área autônoma.

Após entender a definição aberta de religião, como Usarski define *ciência e Ciência da Religião?* A passagem seguinte explicita bem isso:

> Ciência é uma maneira específica de se aproximar da 'realidade e adquirir conhecimento sobre ela. [...] Para disciplinas como a Ciência da Religião, é preciso que a "realidade" científica se restrinja à esfera empírica. Em outras palavras: o que conta como "realidade" são somente aquelas camadas da existência extraídas da observação. [...] Ciência da Religião é a disciplina empírica que investiga sistematicamente religião em todas as suas manifestações (Usarski, 2006, p. 126).

Nesse caso, a definição de ciência como uma aproximação ao que existe no mundo e

que se pode conhecer repercute na definição empírica da CR, cujo *objeto* é diversificado, existe na realidade, pode ser observado e conhecido em sua abrangência (suas dimensões/partes), com método científico. Aqui está a identidade da Ciência da Religião. Definindo a CR como ciência empírica, Usarski afirma que ela tem duas implicações:

> Primeiro, a identidade disciplinar transcende as escolhas de teorias e métodos preferidos por cada membro individual da comunidade [*científica*]. Segundo, a "análise de procedimentos da explanação científica" não é uma operação *ad hoc*. Ela consta na aplicação de parâmetros coletivamente construídos a longo prazo (Usarski, 2023, p. 14-15, grifo nosso).

Vimos que, para Usarski, a delimitação do objeto da CR é crucial para resguardar a identidade epistêmica desta área como disciplina autônoma. Uma pesquisa que defende a autonomia da CR é a dissertação de mestrado de Leandro Castro. Nela, o autor defende: "[...] a disciplina é autônoma por não prestar serviços a uma religião e por não ser guiada por uma delas. O estudo tem como objetivo a compreensão da própria religião, a análise do fenômeno como um fenômeno do ser humano, histórico e cultural" (Castro, 2021, p. 82). Nesse trecho, destaca-se a ideia, na fase epistemológica de maturidade da CR no Brasil, a respeito do objeto de estudo desta área, qual seja: *a religião como um fenômeno humano, histórico e cultural*. Estuda-se religião como fenômeno do ser humano, em suas expressões históricas e culturais.

Outro estudo de área que coloca a delimitação do objeto de estudo como elemento necessário para a definição da autonomia da CR é a tese doutoral de Nestor Figueiredo, na qual o autor propõe uma "abordagem definicional [da] religião como objeto de uma ciência epistemologicamente autônoma" (Figueiredo, 2022, p. 250). Isso significa que um dos principais critérios que resguarda a autonomia da disciplina é a clareza conceitual de seu objeto de investigação. Este, por seu turno, não poderia se confundir com os respectivos objetos de outras disciplinas acadêmicas nem com recortes empíricos do objeto da própria CR, tampouco de áreas que mais interseccionam a CR, como Teologia, Sociologia, História, Psicologia, Antropologia.

Posto isso, qual seria um possível impeditivo para que a CR use *religião vivida* como objeto substitutivo de seu objeto de estudo – o fenômeno humano religião? É a premissa de que a religião vivida se constituiu como um objeto de estudo por referência à dicotomia dos estudos tradicionais da abordagem *religião popular*: religião da igreja institucional versus religião do povo. Aqui, o *uso* da religião vivida substituiria o *objeto religião institucional* pelo *objeto religião praticada*, o qual cientistas sociais chamaram de *religião vivida*. Isso porque uma das contestações de cientistas sociais estadunidenses e latino-americanos/as,

especialistas em religião cristã, contra estudos tradicionais centrados na religião institucional cristã é dizer: não queremos mais estudar religião hierárquica, de autoridades religiosas. Queremos estudar religião praticada no cotidiano fora de templos cristãos, de não especialistas em religião, ou seja, de pessoas leigas e comuns, estudar as práticas cotidianas fora dos muros institucionais: as devoções, as peregrinações, entre outras. Nesse caso, elegeram outro objeto de estudo: a religião praticada e/ou religião vivida separada das organizações religiosas cristãs. O que pode render pesquisas promissoras, como postula Ammerman (2016), mas é um equívoco analítico a dicotomia entre religião prescrita e religião praticada e individual.

Se nós, cientistas da religião, considerássemos a provocação de Ammerman (2016) de que – mais do que insistir numa linha divisória entre religião praticada e individualizada e religião institucional – vemos as práticas, quando buscamos a religião vivida, concluiríamos que religião vivida é sinônimo de práticas religiosas no cotidiano de pessoas comuns e de especialistas em religião. Contudo, para resguardar a identidade de disciplina autônoma da CR, as práticas não substituem o objeto de estudo dessa área, porque, no máximo, elas podem ser vistas como uma das dimensões empíricas, parte real e observável do fenômeno humano religião, que se pode estudar longamente, com diferentes enfoques teórico-metodológicos da disciplina.

Assim, nos próprios termos da área, as práticas religiosas no cotidiano de pessoas comuns e especialistas são observáveis, conhecíveis e construídas por nossos métodos e teorias. Contudo, temos que ultrapassar a rigidez da visão dicotômica de religião vivida que cientistas sociais utilizaram para definir práticas religiosas no cotidiano de pessoas comuns. Essa definição resultante de estudos de práticas cotidianas cristãs fora de igrejas, por um lado, é positiva, por incentivar a descoberta de práticas religiosas marginais se comparadas com estudos tradicionais que definem religião a partir de uma visão institucionalizada, cujo centro das definições são instituições religiosas hegemônicas: igrejas cristãs, por exemplo; por outro lado, essa dicotomia de reduzir religião vivida a práticas fora dos muros institucionais é negativa, porque estimula o risco de aprofundar a distância teórico-metodológica da CR de tradições religiosas marginais, a começar por territórios afro-brasileiros de pessoas de terreiros e de quilombolas e por territórios indígenas rurais e urbanos.

Ademais, considerando o dado de que até mesmo entre os muitos usuários do conceito *religião vivida* existem usos reducionistas a definições de estudos empíricos e contextuais dessa categoria analítica, é indispensável que nossa área considere as contribuições de Nancy Ammerman para uma definição aberta de religião vivida. A primeira delas é a crítica à definição de religião vivida reduzida a práticas de pessoas comuns,

deixando de fora as pessoas especialistas, porque baseada na dicotomia entre religião praticada e individual versus religião organizada e prescrita (Ammerman, 2016). A segunda delas é a proposta de entender que a religião vivida é um fenômeno emergente com dimensões complexas e articuladas (Ammerman, 2016; 2021). Por exemplo, a autora enuncia algumas: "corporificação (*Embodiment*), discurso (*Discourse*), materialidade (*Materiality*)" (Ammerman, 2016, p. 89-91, tradução nossa). E no artigo *Rethinking religion: toward a practice approach (2020)*, a autora amplia para sete dimensões:

> O que proponho, então — recorrendo a teorias da prática social —, é que o estudo da prática religiosa pode ser realizado de maneira mais sistemática se atentarmos para a *incorporação*, *a materialidade*, *a emoção*, *a estética*, *o julgamento moral*, *a narrativa* e *a espiritualidade* (Ammerman, 2020, p. 19, grifos da autora, tradução nossa).[34]

Ammerman (2021, p. 22, tradução nossa) propõe "uma abordagem multidimensional para a análise da prática religiosa vivida".[35] A socióloga defende que "o estudo da prática religiosa vivida" requer "[...] identificar e refletir sobre o que constitui uma prática religiosa. O passo seguinte é considerar as múltiplas camadas da experiência humana que compõem qualquer prática" (Ammerman, 2021, p. 22-23, tradução nossa).[36] Em outras palavras, a autora amplia, no livro de 2021, as dimensões da prática religiosa para seis: "Estas seis dimensões – corporificação, materialidade, emoção, estética, julgamento moral e narrativa – permitem uma exploração sistemática e profunda da ação humana cotidiana no mundo social" (Ammerman, 2021, p. 24, tradução nossa).[37] Ademais, a autora acrescenta que a dimensão distintiva da prática religiosa em relação a outras é a espiritual: "Trata-se de uma prática social religiosa, porque contém uma *dimensão espiritual*; isto é, ela incorpora — direta ou indiretamente — a presença de uma realidade que transcende o ordinário" (Ammerman, 2021, p. 20, grifo da autora, tradução nossa).[38]

Dessas contribuições da autora, a CR pode entender que a definição de religião vivida como prática precisa ser aberta, pois o vivido da religião não pode ser reduzido à *estrutura* (*framework*) e/ou a algumas dimensões da prática religiosa que Ammerman (2021, p. 23, tradução nossa) propôs, baseada "[...] nas pesquisas realizadas sobre a religião vivida nas

[34] "*What I am proposing, then, drawing on theories of social practice, is that the study of religious practice can more systematically be undertaken with attention to embodiment, materiality, emotion, aesthetics, moral judgment, narrative, and spirituality.*"
[35] "*A Multidimensional Approach to Analyzing Lived Religious Practice*."
[36] "*Studying lived religious practice. [...] for identifying and thinking about what a religious practice is.*"
[37] "*These six dimensions — embodiment, materiality, emotion, aesthetics, moral judgment, and narrative — allow deep systematic exploration of everyday human action in the social world.*"
[38] "*It is a religious social practice because it has a spiritual dimension. That is, it incorporates — either directly or indirectly — the presence of a reality beyond the ordinary.*"

últimas três décadas".[39] Então, se a prática religiosa no cotidiano, em Ammerman, refere-se ao que as pessoas fazem e significam como religião, até mesmo sem nomear suas práticas significadas como religiosas, as práticas não se separam do âmbito vivido do fenômeno humano religião. As práticas expressam essa dimensão vivencial do fenômeno religioso. Conforme Ammerman (2021), é mais comum o estudo das práticas que pessoas e a religião organizada significam como religiosas; contudo, há aquelas práticas indiretas que são ou não significadas como religiosas por agentes religiosos individuais em ação.

Posto isso, à diferença de outras áreas acadêmicas, a CR há de evitar reducionismos referentes ao estudo das práticas religiosas cotidianas, já que elas são uma dimensão empírica do fenômeno humano religião. Em outras palavras, não poderia restringir as práticas religiosas cotidianas: (1) a pessoas comuns – as não especialistas em religião –, e deixar de fora as especialistas (estudiosos/as, lideranças e autoridades religiosas); (2) a práticas cujos significados se atribuem apenas a pessoas estudadas, excluindo os significados atribuídos pelas pessoas que as estudam; e (3) às dimensões da prática religiosa sugeridas por Nancy Ammerman.

Portanto, *propomos que a religião vivida, como dimensão empírica e/ou parte factível e observável do fenômeno humano religião, seja entendida como práticas cotidianas de pessoas em geral que se relacionem de algum modo com o fenômeno religião. Se forem pessoas comuns com crença ou sem crença religiosa, pode ser ou não um recorte sobre não especialistas em religião; se forem lideranças religiosas e estudiosos/as, pode ser ou não um recorte sobre especialistas em religião institucional*.

A visão específica e de conjunto do objeto de estudo da CR é critério central que marca a identidade da nossa área, e não pode ser ignorada, em nome da interdisciplinaridade acrítica: aquela que simplesmente aplica mediações conceituais de áreas afins na CR. Para nós cientistas da religião, é inegociável, sob pena de se dissolver a identidade da área como disciplina autônoma em disciplinas afins, o respeito a dois princípios da disciplina: [1] não reduzir o todo às partes, pois não se reduz religião a uma dimensão empírica, por exemplo, à comunidade; e [2] explicar e compreender o fenômeno humano religião requer estudo empírico, focado em cada dimensão empírica do objeto da disciplina, e pesquisa teórica, que elabora novas sínteses sobre o fenômeno.

[39] "*[...] on the foundation of research that has been done on lived religion over the past three decades.*"

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que o artigo buscou oferecer uma possível resposta para a pergunta: *qual seria um possível uso do termo religião vivida pela Ciência da Religião*? A hipótese de que a Ciência da Religião, como área autônoma, ressignifica as práticas religiosas no cotidiano das pessoas como uma dimensão empírica do fenômeno humano religião se sustentou em dois argumentos: um em que se expôs um uso realista da definição de religião vivida que permitiu ver o termo como objeto de estudo e não apenas como abordagem; o outro que propôs um uso construcionista crítico de religião vivida que ampliou a definição do conceito como tema de pesquisa da Ciência da Religião. Os dois argumentos permitiram chegar à conclusão geral de que um possível uso próprio do conceito religião vivida pela CR implica ressignificar o termo como dimensão, uma das partes factíveis e observáveis do objeto de estudo da área.

Independentemente de recortes teóricos e metodológicos da pesquisa empírica e teórica em Ciência da Religião, destacamos como resultados específicos duas vantagens oriundas da visão construcionista crítica das práticas cotidianas, como dimensão empírica do fenômeno humano religião: (1) a defesa de uma definição de religião vivida mais includente e plural, pois assim como pessoas, contextos e territórios são plurais, as práticas cotidianas são diversificadas, contextuais e territoriais e, portanto, elas só podem ser explicadas e compreendidas através de recortes; e (2) quaisquer definições de religião vivida elaboradas a partir de pesquisas de campo não falam em nome de todas as práticas cotidianas de todos os agentes humanos, como dimensão empírica do fenômeno humano religião, porque referem-se a práticas cotidianas particulares de cada indivíduo, grupo, contexto e território, recortados por pesquisadores/as da área.

Seria um vexame teórico e empírico propor como única uma definição particular de religião vivida oriunda de um estudo de campo sobre práticas cotidianas específicas. O máximo de abrangência que podemos conferir ao uso construcionista do termo religião vivida, em nossa área, é vê-lo como dimensão empírica – parte factível e observável do fenômeno humano religião, a qual se refere a práticas cotidianas, vivas, mutáveis, inumeráveis e, portanto, irredutíveis a definições pretensamente universais.

REFERÊNCIAS

AMMERMAN, Nancy Tatom. Lived Religion as an emerging field: an assessment of its contours and frontiers. **Nordic Journal of Religion and Society**, Oslo, v. 29, n. 2, p. 83-99, 2016. Disponível em: https://www.tf.uio.no/forskning/forskergrupper/levd-religion/arrangementer/2022/ammerman-2016.pdf. Acesso em: 12 ago. 2026.

AMMERMAN, Nancy Tatom. 2013 Paul Hanly Furfey lecture: finding religion in everyday life. **Sociology of Religion**, Oxford, v. 75, n. 2, p. 189-207, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/276135488_Finding_Religion_in_Everyday_Life. Acesso em: 12 ago. 2026.

AMMERMAN, Nancy Tatom. Rethinking religion: toward a practice approach. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 126, n. 1, p. 1-46, 2020. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/699417769/American-Journal-of-Sociology-2020-jul-01-vol-126-iss-1-Ammerman-Nancy-T-Rethinking-Religion-Toward-a-Practice-Approach-2020-10-1086-70977. Acesso em: 24 ago. 2026.

AMMERMAN, Nancy Tatom. **Studying Lived Religion**: contexts and practices. New York: New York University Press, 2021.

CASTRO, Leandro Evangelista Silva. **Ciência da Religião no Brasil**: estudo sobre o processo de constituição do estatuto epistemológico da disciplina. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: https://bib.pucminas.br/teses/CienciasDaReligiao_LeandroEvangelistaSilvaCastro_29565_Textocompleto.pdf. Acesso em: 18 maio 2026.

CUPANI, Alberto. **Filosofia da ciência**. Florianópolis: FILOSOFIA/EAD/UFSC, 2009.

DE LA TORRE, Renée. La religiosidad popular de América Latina: una bisagra para colocar lived religion en proyectos de descolonización. **Revista Cultura & Religión**, Iquique, v. 15, n. 21, p. 259-298, 2021. Disponível em: https://revistaculturayreligion.cl/index.php/revistaculturayreligion/article/view/1010/705. Acesso em: 24 ago. 2026.

DURKHEIM, Émile. **Les règles de la méthode sociologique**. 7. ed. Paris: Libraire Félix Alcan, 1919.

FERNÁNDEZ, Lidia Rodríguez; LEÓN AZCÁRATE, Juan Luis de; RODRÍGUEZ, Vicente Vide; GONZÁLEZ, Luzio Uriarte; MORENO, Miren Iziar Basterretxea. *Lived religion* y fenomenología de la religión: el caso latinoamericano. **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, n. 82, p. 23-41, 2022. Disponível em: https://revistas.uniandes.edu.co/index.php/res/article/view/6204/6370. Acesso em: 24 ago. 2026.

FIGUEIREDO, Nestor. **Religião como objeto de ciência**: a ideia de uma disciplina epistemologicamente autônoma a partir de uma abordagem definicional. 2022. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/25212/1/NestorPintoDeFigueiredoJ%C3%BAnior_Tese.pdf. Acesso em: 15 maio 2026.

FILHO, Alípio de Souza. O construcionismo crítico é um realismo. **TRANS/FORM/AÇÃO: Revista de Filosofia da Unesp**, v. 49, n. 1, p. 1-17, 2026. Disponível em: https://www.scielo.br/j/trans/a/LtzXqdHJFfVJdnKbFsLZ5Pr/?lang=pt. Acesso em: 31 out. 2026.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2005.

HALL, David Drisco (org.). **Lived Religion in America**: toward a history of practice. Princeton: Princeton University Press, 1997.

HOCK, Klaus. **Introdução à Ciência da Religião**. São Paulo: Loyola, 2010.

McGUIRE, Meredith B. **Lived Religion**: faith and practice in everyday life. New York: Oxford University Press, 2008.

MORELLO, Gustavo. **Una modernidad encantada**: religión vivida en Latinoamérica. Córdoba: Educc, 2020.

MORELLO, Gustavo. **Lived Religion in Latin America**. New York: Oxford University Press, 2021.

ORSI, Robert Anthony. Is the Study of Lived Religion Irrelevant to the World We Live in? Special Presidential Plenary Address, Society for the Scientific Study of Religion, Salt Lake City, November 2, 2002. **Journal for the Scientific Study of Religion**, Durham, v. 42, n. 2, p. 169-174, 2003. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/1468-5906.t01-1-00170. Acesso em: 12 ago. 2026.

PEREIRA ARENA, Valentina. A Latin American view of lived religion proposal. **Social Compass**, Londres, v. 71, n. 4, p. 674-692, 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/385965443_A_Latin_American_view_of_lived_religion_proposal. Acesso em: 12 ago. 2026.

PEREIRA ARENA, Valentina; MORELLO, Gustavo. Entre el opio del pueblo y la búsqueda de la salvación. Aproximaciones a la religiosidad vivida desde América Latina. **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, n. 82, p. 3-21, 2022. Disponível em: https://revistas.uniandes.edu.co/index.php/res/article/view/6203/6368. Acesso em: 12 ago. 2026.

USARSKI, Frank. **A identidade da ciência da religião**. São Paulo: Edições 70, 2023.

USARSKI, Frank. **Constituintes da Ciência da Religião**: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2006.

Apoio: *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior*

Declaração de uso de Inteligência Artificial: *O autor declara não ter utilizado sistemas de IA no desenvolvimento deste trabalho.*

Conflito de interesses: *O autor declara não haver.*

Recebido em: *24-08-2026*

Aprovado em: *06-11-2026*

Publicado em: *12-11-2026*

Editor de seção: *Leandro Evangelista Silva Castro*